

Este paper é apresentado à Diretora de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiano.

Candidata: Maria do Carmo de Souza
Paper 8 – Florianópolis, 14 de outubro de 2024



O LUGAR DO FEMININO NAS RELAÇÕES DE TRABALHO DA SOCIEDADE PÓS-MODERNA – SOB A PERSPECTIVA JUNGUIANA.

“Quando são cortados os vínculos de uma mulher com sua fonte de origem, ela fica esterilizada, e seus instintos e ciclos naturais são perdidos, em virtude de uma subordinação à cultura, ao intelecto ou ao ego – dela própria ou de outros”. (Estés, 1994).

Refletir sobre o feminino e sobre o lugar a ele reservado no mundo pós-moderno¹, é um convite a regressar na história remota e resgatar os papéis atribuídos ao homem e à mulher na sociedade ocidental.

É muito comum em nossa sociedade ocidental, associar o aspecto feminino como sendo característica inerente à mulher. Este fato é decorrente da construção social cujas conveniências designaram às mulheres atividades cujo bom desempenho dependia de habilidades femininas. Ao longo da história, foi sendo solidificada esta divisão de desempenhos entre os sexos a ponto de naturalizar-se o que é de competência do homem e da mulher.

Ao homem foram atribuídas funções voltadas para o trabalho externo, a exemplo dos primitivos onde a caça o levou a desenvolver capacidade de observação, percepção, concentração, audição mais aguçada, agressividade para defender-se dos perigos a que estava exposto e coragem para enfrentar possíveis adversários.

¹ Pós-modernidade é uma categoria utilizada por um grupo de teóricos, que se refere às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades desde 1960, quando o cotidiano foi invadido pela tecnologia eletrônica, visando saturações de informações, diversões e serviços que produziram um mundo de simulação (De Almeida et al., 2007).

Enquanto à mulher ficou com o cuidado da prole, o cultivo dos alimentos e as demais obrigações domésticas. Ao precisar manter a ordem familiar, foi preciso desenvolver a arte de educar, que inclui paciência, acolhimento, intuição e observação dos comportamentos nas relações pessoais.

Estes papéis sociais distribuídos a cada sexo foram favoráveis às necessidades de um determinado sistema em cada momento histórico, não tendo sido priorizadas as necessidades do sujeito. O desenvolvimento socioeconômico tem dado prioridade e valorizado as atividades exercidas pelo sexo masculino voltadas para relações de objeto, enquanto a área da educação, da saúde, das relações pessoais, que solicitam contato com a subjetividade, são relegadas a segundo plano.

O fato de a sociedade ainda estar organizada num sistema patriarcal, as questões relativas ao feminino são negligenciadas e os profissionais que levantam essa bandeira da valorização do feminino não produzem eco nos que detêm o poder, que a atitude feminina, em sua singularidade, pode perceber sutilezas e desmistificar a aparente ordem social. Isso poderia provocar queda de algumas pessoas que detêm o poder, pois, segundo Jung (1987, p. 64),

a mulher com sua psicologia tão diversa da psicologia masculina é e sempre foi uma fonte de informação sobre as coisas que o homem nem mesmo vê. É capaz de inspirá-lo e sua capacidade intuitiva, muitas vezes superior à do homem, pode adverti-lo convenientemente. Seu sentimento, orientado para as coisas pessoais, é apto para indicar-lhe caminhos; sem essa orientação, o sentimento masculino, menos orientado para o elemento pessoal, não os descobriria.

Essas particularidades são próprias do feminino representado por *Eros*, o símbolo do amor; pela lua, a deusa feminina, que conferem a mulher o poder de criação e manutenção da espécie e de tudo o que pode ser gerado, não só de nível físico como também de ordem psíquica (cf. Harding, 2007).

Assim como a lua, a mulher também possui seus ciclos com suas respectivas oscilações, conforme cita Harding (2007, p. 108), "em comunidades primitivas toda a vida de uma mulher é focalizada em torno das mudanças regulares de seu ciclo psicológico". Essa autora relata que durante o período menstrual ela se afasta do convívio familiar e de suas atividades de rotina, para

recolher-se, ficar só e introverter-se. Esse hábito entre os povos primitivos é para preservar os homens dos impulsos femininos que a mulher experimenta nesses períodos, quando uma energia muito potente está em evidência pela qual a mulher é possuída. Esta reclusão é também uma oportunidade para compreender seu próprio funcionamento psíquico.

Este comportamento é próprio do feminino que é mais inconstante e tem uma característica muito particular de perceber o mundo. No entanto, as mulheres que estão inseridas no mercado de trabalho, não se dão o direito de alterar sua rotina, quando o feminino dentro de si apresenta suas alterações, pois, de acordo com Harding (2007, p.110),

a tendência atual é de que as mulheres continuem suas ocupações, não considerando de modo nenhum essas mudanças de humor, suprimindo ou dominando com um esforço consciente da vontade as inclinações de mudanças cíclicas dentro de si, e assim não consideram que são dependentes de um aspecto escondido de sua natureza semelhante à da lua.

O resultado desse distanciamento das necessidades, com relação ao feminino, é o baixo rendimento no desempenho das funções profissionais, o mau humor, e em longo prazo talvez seja a causa da depressão feminina, como recurso que o corpo utiliza para regulação psíquica. Nesta perspectiva, Jung (1993, p. 114) enfatiza que “a mulher, ao abraçar uma profissão masculina, ao estudar e trabalhar como o homem, passa a fazer algo que no mínimo não corresponde a sua natureza feminina, podendo mesmo ser prejudicial”.

Essa predisposição do feminino em recolher-se periodicamente, não condiz com a disciplina exigida da mulher trabalhadora em nosso sistema capitalista que deve cumprir horários pré-estabelecidos pelas organizações trabalhistas, além do trabalho doméstico, para a grande maioria.

Neste sentido, Jung (1987, p. 68) explica que

a sociedade espera e tem que esperar de todo indivíduo o melhor desempenho possível da tarefa a ele conferida; [...] esta exigência da sociedade é uma espécie de garantia: cada um deve ocupar o lugar que lhe corresponde, um como sapateiro, outro como poeta. Não se espera que alguém seja ambas as coisas.

Da mesma forma, no caso da mulher, para oferecer o melhor de si e contribuir com o melhor desempenho nas atividades que lhes são atribuídas, é preciso que encontre no espaço, onde exerce suas atividades, condições compatíveis com as oscilações próprias do feminino. Quando o ambiente favorece a atuação do feminino, há uma coerência entre o ser e o estar no mundo, fator essencial para manter o equilíbrio emocional e psicológico.

Harding (2007, p. 113) enfatiza que “durante aquele período de solidão forçada, as mulheres conseguiam em geral um contato mais próximo com as forças instintivas dentro de si”. Segundo a autora, períodos de reclusão são necessários para restabelecer e organizar as camadas mais profundas da psique, a exemplo do sono que não deve ser considerado uma perda de tempo, mas um recolhimento necessário para entrar em contato com as camadas mais profundas da natureza, perdidas nas regiões inacessíveis do inconsciente.

A agilidade e regularidade nas atividades produtivas, hoje, exigida das pessoas que pertencem ao sistema socioeconômico, não condizem com o ritmo inconstante da psique feminina.

Para ser considerada uma pessoa vencedora, portanto reconhecida pelos seus méritos de um cidadão de sucesso, é preciso estar em constante desempenho dos papéis sociais que lhes são atribuídos.

Para isso, a persona se utiliza da força egóica ao desempenhar papéis sociais que visam satisfazer a vaidade tanto do ambiente, quanto do indivíduo. O status alcançado, nesta perspectiva, se reveste de uma falsa realização, pois o que se percebe entre pessoas que atingiram altos níveis de satisfação profissional e financeiro resulta também em alto nível de estresse.

Sua saúde é afetada por não ter seguido o caminho da alma e, em contrapartida, por estar despendendo esforço para exercer atividades e assumir responsabilidades por funções incoerentes com seus desejos.

Essa imprescindível integridade para atuar nas mudanças está deficitária na sociedade pós-moderna, pois a cidadania defendida não está a serviço das necessidades humanas. A ordem está invertida, o homem é quem está a serviço da cidadania, que parece ter vida própria. O homem só pode gerenciar questões que lhes dizem respeito, e este sistema, apesar de poderoso e perfeito em seu funcionamento, não possui um rosto humano.

Frente a tantas incompatibilidades entre o homem e o sistema pós-moderno, Eliot (1934 citado por Gadotti, 1999) interroga: Onde está a vida que perdemos vivendo? Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento? Onde está o conhecimento que perdemos na informação?

São muitas as perdas que o mundo pós-moderno vem sofrendo em relação à integridade dos valores primordiais para se construir uma sociedade sadia, e quiçá encontre saídas para neutralizar o veneno que ameaça a saúde psíquica dos seres humanos.

Percebe-se, atualmente, um comportamento tanto dos homens quanto das mulheres de manterem-se constantemente em atividades, cujas ações nem sempre estão voltadas para atender os seus próprios desejos. O que os leva a movimentar-se, quase sempre, não tem origem nos impulsos internos, mas estão na verdade envolvidos por uma ilusão de que para manterem-se vivos depende de atingir objetivos. Esses objetivos, embora suas razões não sejam explícitas, se mostram com uma vestimenta atraente capaz de influenciar seguidores que mesmo sem saber onde pretendem chegar, a eles dedicam seu tempo e energia.

Esse aspecto da sociedade que tanto influencia o comportamento humano está mais identificado com as características do masculino, cujo desempenho encontra mais estímulo em atividades voltadas para a conquista, revestida de desafios que se concretiza através das ações mais concretas.

Há, no entanto, necessidade de se fazer um contraponto a esta dinâmica social, que seria os momentos de recolhimento para contatar os sentimentos mais sutis que orientam a alma. Porém, por falta de reflexão para se perceber melhor, as pessoas passam a atender as pressões externas esquecendo-se que existem em si mesmo, a priori, conteúdos latentes a espera de um espaço para expressar-se.

No entanto, a corrida desenfreada para cumprir obrigações impostas pelas organizações impede esse olhar que o homem precisa lançar para dentro de si e perceber suas reais necessidades. É preciso pensar, mas, Jung (2007 p. 50) questiona,

onde estão hoje, as cabeças pensantes? Se existem realmente, ninguém as houve: o que, sobretudo, vemos é o predomínio de um corre desorientado, a fatalidade de

uma violência universal que se apresenta como destino ante o qual o indivíduo já não é mais capaz de se defender.

Sem o tempo para pensar, muito se perde nesta cultura imediatista e superficial revestida de gozo e prazer que nega o sofrimento psíquico como elemento constitutivo da personalidade humana. Nega-se, portanto, a alma com suas ondulações permeadas por sentimentos de variadas colorações, onde há lugar tanto para a alegria quanto para a tristeza. A transparência desses sentimentos mantém o equilíbrio psíquico e quando camuflados pela falsa aparência do “cidadão bem-sucedido” aparece mais tarde na forma de depressão.

Nessa perspectiva, “a construção de uma persona coletivamente adequada significa uma considerável concessão ao mundo exterior, um verdadeiro auto sacrifício, que força o eu a identificar-se com a persona” (Jung, 1987, p. 69). Seguindo, porém, o sentido oposto, depara-se com outro aspecto da personalidade, cujo contato se faz pela via do silêncio, da introspecção, do olhar para si mesmo, para perceber o que acontece numa instância invisível aos olhos físicos.

Busca-se, com este novo olhar, encontrar o que foi menos desenvolvido na vida em sociedade e que aspira por um espaço para permear sua essência nos vazios da personalidade unilateral. O homem procura pela *anima*², enquanto a mulher almeja encontrar o *animus*³.

São essas as faltas que pessoas de ambos os sexos têm dificuldade de integrar em sua própria personalidade, portanto, desejam ardentemente encontrar no outro, mais especificamente, em seu parceiro sua completude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade pós-moderna, em decorrência das mudanças no modelo socioeconômico provocou alteração no funcionamento psíquico dos homens e das mulheres, que ainda esperam por uma estabilização.

² “Imagem coletiva da mulher no inconsciente do homem, com o auxílio da qual ele pode compreender a natureza da mulher” (Jung OC 7/2 § 301).

³ Nas palavras de Jung (OC 10/3 § 71), “dei ao arquétipo feminino que está no homem o nome de *anima* e ao arquétipo masculino que está na mulher o nome de *animus*”.

As mulheres ao assumirem determinadas tarefas antes pertencente apenas ao público masculino, precisaram passar por adaptações, cujas exigências, trouxeram alguns danos para sua saúde psíquica.

Cabe, aqui uma reflexão sobre o quanto os valores femininos foram negligenciados e como trazê-los de volta, já que está faltando *Eros* nas relações pessoais

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO JUNQUIANA DO BRASIL. **Individualização, criatividade e cidadania**. Artigo. Disponível:
<www.ajb.org.br/.../artigos/individuacaocriatividade_e_cidadania.htm>. Acesso em: 28 abr. 2010.

DE ALMEIDA, Marco Antonio Bettine; GUTIERREZ, Gustavo Luis; MARQUES, Renato. O lazer na pós-modernidade: a transformação dos usos do tempo livre no mundo contemporâneo. **Lecturas: Educación física y deportes**, n. 106, p. 8, 2007.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os Lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GADOTTI, Moacir. **Necessidades e Condições para sua Realização. Avaliação Institucional**. Teleconferência. 1999.

HARDING, M. Esther. **Os Mistérios da Mulher**. São Paulo: Paulus, 2007.

JUNG, C.G. **A Prática da Psicoterapia, vol. XVI das Obras Completas**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

JUNG, C.G. **O eu e o inconsciente – obras completas v. VII/2**. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, C.G. **Civilização em Transição**. Petrópolis: Vozes, 1993.

JUNG, C.G. **Tipos Psicológicos**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1987.

JUNG, C.G. **Psicologia do Inconsciente**. 17. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.